

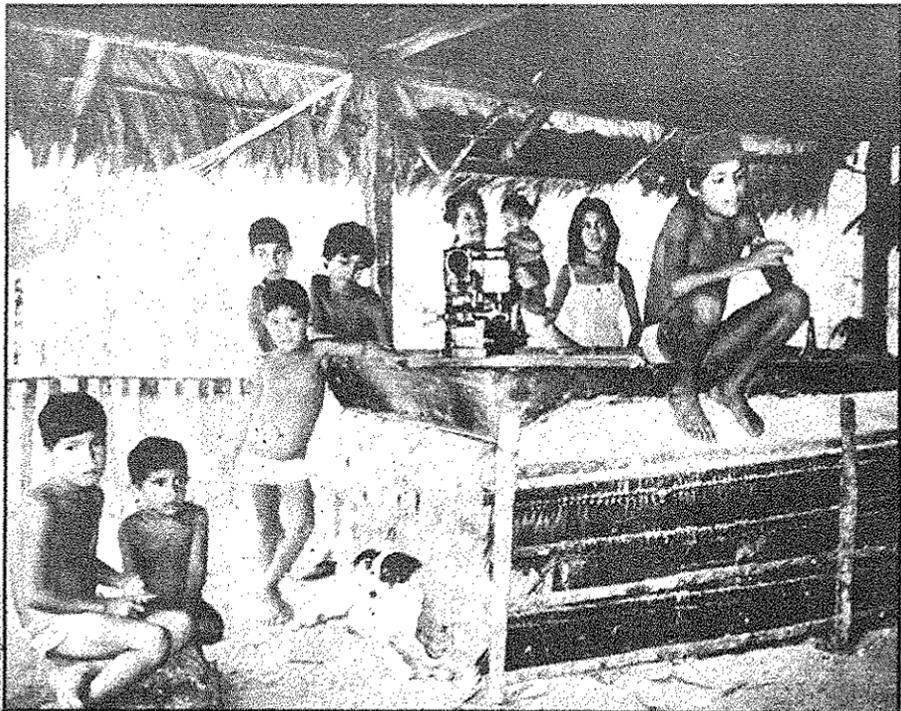
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

Class.: 08

Data: Abril/85

Pg.: 13



Recuperar as raízes culturais



com muito trabalho e a reconquista

“Pretendemos tomar posse da estrada de seringa e também acabar com a serragem de madeira. Não admitimos mais, daqui pra frente, que ninguém comercialize madeira dentro da nossa reserva”. O autor destas afirmações, Mário Cordeiro de Lima, é tuxaua do povo Poyanawa, na Fazenda Barão e na Colocação Ipiranga, município de Mâncio Lima, no Estado do Acre.

Descontraído, mas enfático, Mário de Lima deu sua primeira entrevista ao PORANTIM, em dezembro do ano passado. Na entrevista, ele deixou claro que o avanço das frentes de exploração da borracha e, mais recentemente, da agropecuária, provocou a invasão indiscriminada dos territórios indígenas, com a conseqüente subjugação dos índios pelos patrões. Foram mais de 70 anos de exploração da mão-de-obra indígena, classificados pelos Poyanawa como “o período do cativo”. O contato deste povo foi feito em 1911 pelo seringalista Mâncio Lima e pelo funcionário do extinto SPI (Serviço de Proteção aos Índios), Antônio Bastos. Nos últimos anos os patrões tentam novamente utilizar a força de trabalho poyanawa nos desmatamentos para formação de pastagens e em atividades agrícolas.

Atualmente apenas alguns índios Poyanawa cortam seringa para o patrão. Três são os seringalistas que ainda hoje se encontram no miolo da área indígena: Mâncio Neto, Raimundo Zacarias e Manoel Lopes. Já o comerciante Paulo Deni vem tirando madeira dentro da área poyanawa. Advertido pelos índios, esse comerciante afirmou que só vai parar de retirar madeira quando receber indenização da Funai. Os patrões Mâncio Neto e Raimundo Zacarias estão cobrando dos índios, ilegalmente, arrendamentos das estradas de seringas, numa média de 30 kg por estrada. Em setembro do ano passado, esses seringalistas, com a colaboração da Polícia Militar, exigiram dos índios o pagamento dos arrendamentos.

RECONQUISTA DA TERRA

“A arma é a nossa união”, costuma afirmar o tuxaua Mário. A partir de 1983, dispostos, os Poyanawa iniciaram a luta pela reconquista de suas terras ancestrais. Para isso contaram

Poyanawa, unidos, lutam para acabar com cativo

Contatados há três quartos de século, no Acre, os Poyanawa estão reconquistando sua terra e enfrentando, com união, os patrões e os seringalistas invasores.



da autonomia política e econômica

com o apoio e a colaboração da Comissão Pró-Índio do Acre. Pressionada pelos índios, a Funai delimitou a área poyanawa, em 1984; mas prometeu também uma indenização para todos os patrões — invasores do território indígena. Essa atitude do órgão tutor está se constituindo num impasse para a recuperação efetiva da terra por parte dos índios. Na mesma medida, a conquista urgente da autonomia econômica é um dos mais difíceis desafios que hoje esse povo enfrenta. Como sobrepôr-se à força econômica dos patrões? As cantinas/cooperativa, surgidas há oito anos, com a ajuda da Pró-Índio do Acre, encaminham o problema da subsistência da comunidade.

O regime de servidão nos seringais contribuiu para a descaracterização cultural dos Poyanawa. Hoje, somente os mais velhos sabem fazer cestas, arco e flecha, adornos corporais, rede de dormir e potes de barro. Assim como a língua, a produção artesanal é associada à identidade indígena. Encontramos ainda, entre este povo, alguns índios com a tatuagem facial característica dos grupos de língua Pano.

“Parecia um sonho”. Estas palavras do tuxaua Mário de Lima têm um significado: a terra em que estavam sendo escravizados, torna-se um espaço onde podem respirar liberdade. Para ele, “a luta continua, pois a reconquista da terra está exigindo muita coragem e união”. A solução encontrada pela comunidade é tomar de novo a história em suas mãos e mergulhar nas raízes sociais e culturais do povo Poyanawa, para daí buscar força e inspiração. Estão dispostos a reavivar a própria língua — atualmente falada apenas pelos velhos — e expressões da cultura como o Huguema (ritual que se realiza com danças, durante vários dias, especialmente por ocasião das colheitas, como a do milho).

Os 258 Poyanawa, numa área de 15.200 hectares, continuam sob constantes ameaças, violências e exploração. Os responsáveis por tudo isso são os seringalistas que invadem a área indígena. Mas os índios resistem. Em 1985, segundo o líder Mário de Lima, eles vão partir com mais força para a reconquista da área poyanawa (Fazenda Barão). Este é o problema crucial.